

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PEDAGOGIA À DISTÂNCIA: ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Solange Molina Sentinger

**O TRABALHO EM GRUPO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO  
DE SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA E ACEITAÇÃO DAS DIFERENÇAS NO  
CONTEXTO ESCOLAR**

Porto Alegre  
2010

Solange Molina Sentinger

**O TRABALHO EM GRUPO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO  
DE SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA E ACEITAÇÃO DAS DIFERENÇAS NO  
CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão do curso apresentado a Comissão de Graduação do Curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neusa Chaves Batista  
Tutora: Simone Gonzalez Gomes

Porto Alegre  
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho:  
Aos meus filhos, Felipe, Renata e Lucas;  
Ao meu marido, Sergio.*

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos...

...a Deus, pois sem sua ajuda, nada teria sido possível;

...à minha família, pela confiança e pelo apoio;

...às minhas irmãs, Elaine e Ivana, pois sem elas não chegaria aqui;

...à memória de meu pai, Wanderley;

...à minha querida mãe, Maria Eva;

...à Tutora Simone Gonzalez Gomes, por suas valiosas sugestões;

...à Professora Dra. Neusa Chaves Batista, pela orientação deste trabalho e por conduzir seu desenvolvimento, com muita sabedoria e paciência.

Muito obrigada a todos!

*"Nem a autonomia da pessoa, que pressupõe o pleno desenvolvimento da personalidade humana, nem a reciprocidade, que evoca desse respeito pelos direitos e pelas liberdades de outrem, poderão se desenvolver em uma atmosfera de autoridade e de opressão intelectuais e morais."*

*Jean Piaget*

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida através do trabalho em grupo, com uma turma de segundo ano, em uma escola da rede pública estadual, na cidade de Porto Alegre. Tal proposta foi realizada de maneira a favorecer a construção da solidariedade, tolerância e aceitação das diferenças dentro do contexto escolar. Durante a prática de estágio na turma em questão, percebeu-se que a turma não conhecia o sentido e a importância de trabalhar em grupo, pois as crianças não trabalhavam de forma cooperativa e também não aceitavam as diferenças entre as/os colegas. Estratégias foram criadas, então, para que estas crianças se apropriassem do sentido de cooperação, solidariedade e aceitação das diferenças. Algumas propostas foram fundamentais para o desenvolvimento da prática em grupo, tais como, literatura infanto-juvenil e músicas que tratassem sobre o tema da igualdade/diferença, reflexões diárias e atividades desenvolvidas através do trabalho em grupo.

Entre as considerações mais relevantes deste trabalho destacaram-se as reflexões como forma de resolução de conflitos, onde aconteciam agressões físicas e/ou verbais dentro da sala de aula e a construção da prática pedagógica de trabalhar em grupo para desenvolver os princípios como participação, cooperação e colaboração.

Para embasamento teórico foram utilizados autores que realizaram estudos sobre o desenvolvimento moral da criança baseados nas obras de Jean Piaget, tais como Ulisses Ferreira de Araújo, Maria Suzana de Stefano Menin e Mário Sérgio Vasconcelos.

**Palavras chave:** trabalho em grupo; solidariedade; tolerância; escola.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 TRABALHAR EM GRUPO PARA QUE?.....	12
2 O TRABALHO EM GRUPO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA E ACEITAÇÃO DAS DIFERENÇAS .....	15
2.1 O contexto da escola e da turma .....	15
2.2 Descrevendo e analisando a experiência na escola.....	16
2.2.1 Construindo o texto coletivo .....	17
2.2.2 Trabalhando com músicas.....	19
2.2.3 Dialogando em grupo: a expressão das diferenças.....	20
2.2.4 Jogos e brincadeiras .....	21
2.2.5 Caminhando para a construção de um espaço cooperativo.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
REFERÊNCIAS .....	29
ANEXOS.....	31

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia a Distância/PEAD/ UFRGS foi elaborado a partir da prática pedagógica realizada em uma escola da rede pública estadual, localizada no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na qual sou professora nomeada desde mil novecentos e noventa e sete. Tal prática foi desenvolvida em uma turma de segundo ano do ensino fundamental de nove anos no período de 12 de abril a 18 de junho de 2010.

As relações interpessoais entre os alunos e as alunas desta turma não eram favoráveis ao trabalho em grupo, pois sempre que a proposta da atividade exigia que a turma fosse disposta desta forma, ocorriam pequenos conflitos entre os mesmos. As alunas não deixaram uma colega sentar-se junto a elas, por não gostarem de seu jeito ou os meninos não permitiram que uma menina participasse de seu grupo. Também era comum durante a realização de uma atividade de escrita espontânea uma aluna não deixar a outra olhar seu trabalho. Penso que agiam desta forma por acharem que não deviam deixar ninguém copiar seu trabalho, e que isto ocorria pelo fato delas serem repetentes. Estas ações dos alunos podem ter refletido práticas comuns de professoras que trabalham com alunos enfileirados e individualmente.

No ano passado, a metade da turma frequentou o primeiro ano onde foi desenvolvido o programa Alfa e Beto<sup>1</sup>. As crianças sentavam-se em grupos de quatro em mesas próprias para alunos e alunas de seis anos. Estavam acostumados/as a sentarem em grupos, mas como este projeto não permite interação entre as crianças, elas simplesmente sentavam-se agrupadas. A outra metade frequentou o segundo ano. São alunos e alunas repetentes e como mencionei anteriormente, não estavam acostumados/as a trabalhar em grupos e nem agrupados.

A orientação que recebemos, no sétimo semestre do curso, é de que deveríamos escolher uma arquitetura pedagógica para ser utilizada no estágio supervisionado obrigatório. Arquiteturas pedagógicas, segundo Carvalho, Nevado e Menezes (2005) são estruturas de aprendizagem realizadas a partir da confluência de diferentes perspectivas: abordagem pedagógica, software, internet, inteligência artificial, educação à distância, concepção de tempo e espaço.

A arquitetura pedagógica que eu gostaria de ter desenvolvido seria a de construir blogs colaborativos com a turma. Porém, na escola campo do estágio, não havia laboratório de

---

<sup>1</sup> Este programa foi oferecido pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul às escolas públicas estaduais. Maiores informações encontram-se no site do Instituto Alfa e Beto <<http://www.alfaebeto.org.br/>>

informática. Resolvi, então, através da leitura (conto) de histórias infanto-juvenis desafiar as alunas e os alunos ao reconto ou a modernização dos clássicos infantis.

Partimos para o trabalho em pequenos grupos de quatro alunos/as, porém as crianças ainda não conhecem o sentido de trabalhar em grupo de modo cooperativo. Esta observação foi feita pela supervisora do estágio, professora Neusa Chaves Batista<sup>2</sup>, onde me colocou o seguinte comentário: "Este sentido deve ser trabalhado antes/durante a proposição de práticas pedagógicas inovadoras, pois, a maioria destas práticas está calcada em princípios como a participação, cooperação, colaboração (entre escola-aluno, aluno-aluno, aluno-professor, escola-comunidade). Trabalhar com os alunos/as estes princípios os auxilia a compreender a dinâmica das relações sociais nos diversos espaços de construção de sociabilidades (dentro estes a escola), possibilitando-lhes o desenvolvimento de princípios e valores como solidariedade, cooperação, tolerância e aceitação das diferenças (etnia, raça, gênero, classe social, religião...)."

Eu não via a turma dessa maneira. Era praticamente início do ano letivo. As crianças aos poucos aprendem a trabalhar de forma cooperativa se lhes for dada oportunidade. Os conflitos existem, não resta dúvida e com este curso estou tendo a oportunidade de pesquisar a importância do trabalho em grupo e de que maneira posso propiciar momentos para as crianças trabalharem de maneira cooperativa dentro da sala de aula.

Após as observações de minha orientadora resolvi mudar a maneira de dispor a turma. Não a colocava em grupos, mas em forma de "U" ou em círculo para fazermos reflexões sobre os acontecimentos do dia anterior.

Pensando nas atitudes da turma como um todo e nas proposições realizadas por minha orientadora (conforme apresentado acima), a questão abordada neste trabalho será "O trabalho em grupo pode se constituir em espaço de construção de solidariedade, tolerância e aceitação das diferenças no ambiente escolar?"

Para responder a este questionamento analisei práticas pedagógicas cujo objetivo foi o de promover a cooperação e a solidariedade entre os alunos e alunas no contexto escolar. Estas práticas foram propostas e implementadas no meu período de estágio probatório, sendo destas, que emergiram as observações que me levaram a construir a problemática desta pesquisa.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo proponho uma discussão sobre a relação trabalho em grupo e princípios de cooperação e solidariedade no

---

<sup>2</sup> Professora de Sociologia da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

contexto escolar. Para tal, disserto utilizando autores que tratam sobre as questões que envolvem o trabalho em grupo dentro da sala de aula e suas implicações. . No segundo capítulo descrevo o trabalho em grupo como prática pedagógica de construção de solidariedade, tolerância e aceitação das diferenças. No terceiro capítulo retomo a questão de pesquisa e, com base na análise, trago algumas considerações conclusivas do trabalho.

## 1 TRABALHAR EM GRUPO PARA QUE?

No capítulo exponho a discussão sobre a prática do trabalho em grupo como instrumento de construção de princípios como solidariedade, tolerância e aceitação da diferença. Para tal, disserto sobre aspectos salientados por autores que tratam sobre as questões que envolvem o trabalho em grupo dentro da sala de aula.

Quando eu cursei o primeiro ano de magistério no início da década de oitenta, em Alvorada, município da região metropolitana de Porto Alegre, era permitido dar aula para a rede municipal, nas escolas de 1ª a 4ª série. Eu comecei a dar aulas sem nenhuma experiência e nem conhecimento para fazer o aluno trabalhar de forma cooperativa. Seguiu as orientações da Secretaria Municipal de Educação e trabalhava os conteúdos mínimos exigidos para a 2ª série. O meu objetivo era o de transmitir conhecimento e “enriquecer a memória” das crianças. (VASCONCELOS, 1996, p. 64) Fiz o estágio, concluí o magistério e segui dando aulas por mais quatro anos no município de Alvorada.

O tempo passou, fiquei doze anos fora das salas de aula. Fiz concurso para a rede estadual de educação. Quando fui nomeada escolhi a escola que estou até a presente data, por ser próxima a minha casa. Uma colega nomeada junto comigo me incentivou a trabalhar com primeira série. Eu tinha muito medo, achava uma responsabilidade muito grande alfabetizar e aos poucos fui aprendendo que trabalhar com as crianças em grupo era muito mais “fácil”. Elas aprendiam com seus pares e neste capítulo irei utilizar alguns teóricos para me apropriar dos conceitos sobre o trabalho em grupo dentro da sala de aula.

Segundo Vasconcelos (1996, p. 63) o primeiro texto traduzido de Piaget nos remete aos anos trinta, do século passado, e nos mostra que a preocupação dos educadores da época era a ideia de que o “pensamento racional se desenvolvia pela atividade do educando e pela cooperação social”. Surgiram “formas didáticas de trabalho em sala de aula que desenvolviam princípios pertinentes às relações humanas da vida em coletividade”.

As crianças com idades que vão dos sete aos oito anos (faixa etária com a qual trabalho) tendem a se aproximar umas das outras, mas ainda não são grupos organizados. São crianças ainda na fase do egocentrismo.

Hickmann (2002, p.9) nos fala do “processo de construção das múltiplas identidades que nos constituem ao longo da trajetória de vida” e nos diz que devemos “proporcionar às crianças oportunidades de interação com outros indivíduos, que as levem à independência, à

cooperação e à colaboração voluntária e não à competitividade, concorrência e individualismo”, levando-as a perceberem que as outras crianças que convivem com elas também “têm sentimentos, opiniões” e os mesmos “direitos” que elas.

Neste sentido, o trabalho em grupo é uma forma de proporcionar tais oportunidades às crianças e as relações entre elas interferem diretamente no andamento do trabalho em grupo.

Hickmann (2002, p.12) nos fala ainda na educação para a cidadania, onde esta “implica um processo permanente de educação moral e humanização, no desenvolvimento da consciência ética das crianças”, levando-as a “construir uma série de posturas de vida”, objeto de estudo do presente trabalho, “como tolerância diante do diferente ou divergente e de cooperação voluntária”.

Buscava diariamente, através de conversas, mostrar às crianças que podemos trabalhar com nossos colegas porque todos somos diferentes, pensamos de maneira diferente e agimos, também, de maneira diferente uns dos outros e por isto precisamos escutar e entender o que nossos colegas pensam e querem, respeitando, assim a maneira de ser de cada um.

Segundo Lodi e Araújo (2007, p. 69) para “aprender a ser cidadão e cidadã devemos aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência, aprender a usar o diálogo e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país”. Quanto aos conflitos, estes mesmos autores (2007, p. 70) nos dizem que “o convívio escolar é um elemento-chave na formação ética dos estudantes”, pois devemos levar os alunos e as alunas a exercitar a reflexão.

Para exercitar tais reflexões, trabalhei com histórias infanto-juvenis que tratam sobre as questões de conflitos entre os alunos e as alunas de minha turma, como os temas que falam de diferenças. Um destes livros usados foi “Ninguém é igual a ninguém” das autoras Regina Otero e Regina Rennó (1994), onde podemos identificar os nossos sentimentos e perceber os sentimentos dos outros.

Outro aspecto fundamental na área da educação diz respeito à aquisição do conhecimento e Rego (2002, p. 110) nos diz que “na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas.” Para que aja esta integração é necessário proporcionar atividades que sejam realizadas em grupo e por todos os membros deste grupo e não apenas dispor as crianças agrupadas com atividades individuais sem a necessidade de trocas.

No olhar da professora de Língua Portuguesa Magda Cyrre<sup>3</sup>, o trabalho em grupo também tem papel fundamental no desenvolvimento dos alunos tanto cognitivo quanto afetivo, pois ela nos diz que

a prática de atividades em grupo desenvolve a capacidade crítica de ler, entender e relacionar os conteúdos com o mundo que nos cerca. Precisamos criar a cultura do trabalho em grupo na acepção de parceria, cooperativismo, somando esforços para o crescimento cognitivo e afetivo, envolvendo assim a complicada teia das relações humanas. Transcender a palavra escrita e interpretar o mundo esse é o desafio. (CYRRE, 2001, p. 101)

Se nós quisermos que nossos alunos e alunas sejam cidadãos críticos, que saibam pensar temos a obrigação de lhes dar condições e uma alternativa é a prática de atividades em grupo e Magda Cyrre (2001, p. 103) reforça o que digo, porque “se as instituições de ensino superior e o mercado de trabalho nos pedem um cidadão capaz de observar de analisar, de inferir, de criticar e de comunicar, devemos possibilitar, durante o período em que os estudantes passam nos bancos escolares, que eles realizem atividades que desenvolvam essas habilidades” e com certeza as crianças que ficam passivas e obedientes dentro de uma sala de aula não serão esse ser crítico.

No próximo capítulo descrevo e analiso a experiência de utilização do trabalho em grupo como prática pedagógica que suscita a emergência de princípios como solidariedade, cooperação e aceitação da diferença no contexto escolar. Examino uma intervenção pedagógica realizada com a minha turma de 2º ano onde aos poucos fui introduzindo algumas atividades no grande grupo, para que aprendessem o sentido de trabalhar de forma cooperativa.

---

<sup>3</sup> Mestre em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS e professora de Língua Portuguesa para os cursos de Letras da UNISINOS, Pedagogia da FAPA e Rede Estadual de Ensino.

## **2 O TRABALHO EM GRUPO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA E ACEITAÇÃO DAS DIFERENÇAS**

Neste capítulo irei descrever como alguns acontecimentos desencadearam a pesquisa sobre o trabalho em grupo como facilitador dos aspectos que envolvem as relações interpessoais dos alunos e das alunas com as quais trabalho neste ano de 2010.

### **2.1 O contexto da escola e da turma**

Em todos estes anos que atuei como professora dos anos iniciais em uma escola da rede pública estadual, não havia trabalhado com crianças que tivessem tantos problemas de relacionamento, não aceitando as diferenças, sendo intolerantes e nem trabalhando de forma cooperativa na sala de aula como encontrei com esta turma em que trabalho e com a qual realizei o estágio supervisionado obrigatório para concluir o curso de licenciatura em pedagogia.

A escola é formada por crianças que vêm de vários bairros da cidade, alguns bem distantes. Estas crianças pertencem à classe econômica baixa, são na sua grande maioria, alunos/alunas carentes.

Os alunos e as alunas da turma que trabalho também são carentes. Quanto às questões étnicorraciais, cinquenta por cento das crianças são negras e a outra metade é branca. A faixa etária desta turma fica entre 7 e 10 anos.

Na escola a maioria dos professores dos anos iniciais não tem por hábito trabalhar em grupo. Nas turmas da pré-escola e de primeiro ano, o mobiliário é adequado ao trabalho em grupo, pois são mesinhas onde podemos colocar várias crianças sentadas juntas, porém o que observo é que as professoras fazem um trabalho individual e nas palavras de Menin (1996, p. 93) “a ênfase em atividades isoladas fortalece a contradição entre a prática das regras (cooperar de fato) e a consciência delas (repetir o discurso do “cada um por si”)”. Vemos aqui que estas crianças trabalham agrupadas.

Já nas atividades grupais, ao contrário, a prática da cooperação torna-se necessária para o andamento dos trabalhos e nos encontros e desencontros de interesses-desinteresses, “boa vontade-preguiça”,

“empenho-corpo mole”, “sobrecarga para uns moleza para outros”, as crianças são obrigadas, pela convivência, a estruturar melhor suas relações. Surgem, por necessidade do grupo, suas próprias regras. (MENIN, 1996, p. 93)

Para que as crianças consigam trabalhar de forma cooperativa e manter uma postura de solidariedade, tolerância e aceitação das diferenças devemos dar oportunidades e Menin (1996, p. 92) afirma ainda que “trabalhos em grupo provocam contatos mais intensos entre as pessoas, pois implicam numa relação de mútua dependência: o trabalho anda se todos ajudarem... Assim, são comuns conflitos entre pessoas, oposições de vontades, que devem resolver-se para o grupo continuar”.

## **2.2 Descrevendo e analisando a experiência na escola**

O estágio supervisionado obrigatório foi realizado em uma escola da rede pública estadual, situada no bairro Azenha, em Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul com alunos e alunas de uma turma de segundo ano. Para desenvolver a prática do trabalho em grupo utilizei livros de literatura infantil e músicas para trabalhar os conteúdos referentes à alfabetização e incentivar o gosto pela leitura e pela contação de histórias.

Esta intervenção pedagógica foi elaborada quando coloquei as crianças sentadas em grupo para fazer uma atividade e percebi que estas não conseguiam trabalhar de forma cooperativa e se agrediam verbal e fisicamente. Percebi que se eu queria que a turma trabalhasse de forma cooperativa eu precisava ensiná-la, dando-lhe oportunidade e ajudando até que as crianças entendessem como isto acontece e incorporassem a cooperação como prática de convivência social.

Então, após perceber que deixando as crianças trabalhar em grupo não funcionava, iniciei propondo jogos e brincadeiras coletivos. Começamos brincando de bingo. Escrevi algumas palavras significativas da história que estávamos trabalhando em cartelas quadriculadas, uma letra em cada quadrado. Eu sorteava a letra e as crianças iam marcando nas cartelas até completá-las. Não havia perdedores porque ao preencher a cartela o aluno aguardava até que toda a turma conseguisse terminar o jogo.

Propus, também, um trabalho em que todas as crianças tinham que participar oralmente na construção de um texto coletivo. Trabalhávamos em um grande grupo.

### 2.2.1 Construindo o texto coletivo

O texto coletivo consistia em reescrever contos clássicos a partir das percepções dos alunos e alunas. Os planejamentos das aulas eram feitos semanalmente. Na primeira semana, para iniciar o estágio, escolhi o conto clássico da Chapeuzinho Vermelho. Após a leitura, as crianças deveriam representar através da escrita as personagens da história. A maioria dos alunos e das alunas queria representar através de desenhos estas personagens, não queriam escrever, pois tinham medo de "errar".

Diariamente fazia ditado, ora em duplas, ora individualmente. Desta forma, as crianças foram se acostumando com esta proposta de trabalho e após uma semana, já se arriscavam a escrever tranquilamente. Aos poucos foram perdendo o medo de errar.

Quando a proposta do trabalho era a escrita do texto coletivo – o reconto da história – apenas dois alunos colaboravam. Como na primeira semana a leitura do livro escolhido era relativamente extensa e eu havia percebido que a dificuldade da grande maioria da turma era em fazer a reescrita da história da Chapeuzinho Vermelho, resolvi começar a semana com a escrita de um texto menor. Após ler a história dos “Dez amigos” (Ziraldo, 1983) propus que as crianças fizessem duas listas de palavras, uma com o nome dos dedos da mão e a outra com o nome “popular”, pois na história há esta comparação.

A reescrita da história Chapeuzinho Vermelho foi feita oralmente e eu fui a escriba. A seguir a história produzida pela turma:

#### *Chapeuzinho Vermelho*

*Era uma vez uma menina que se chamava Chapeuzinho Vermelho.  
Sua mãe mandou ela levar uma cesta de doces para a vovó.  
Chapeuzinho foi pela floresta e encontrou o lobo e ele disse:  
- por que você não leva umas flores para a vovó também?  
Então Chapeuzinho foi colher as flores e o lobo correu até a casa da vovó e devorou ela. Ele colocou os óculos da vovó e se vestiu igual a ela, deitou na cama e se cobriu.  
Quando Chapeuzinho chegou, entrou e perguntou:  
- que olhos grandes você tem?  
- é para te olhar melhor!  
- que orelhas grandes você tem?  
- é para te ouvir melhor!  
- que boca grande você tem?  
- é pra te devorar!!!  
O lobo correu atrás da Chapeuzinho e o caçador ouviu os gritos, deu um tiro no lobo, abriu a barriga dele e tirou a vovó de dentro.*

*A vovó agradeceu ao caçador.  
Chapeuzinho Vermelho abraçou a vovozinha e todos viveram felizes para sempre.*

Na sexta semana de estágio, quando as crianças já estavam mais acostumadas com a escrita, propus que fizessem a modernização da história dos "Três porquinhos". Foi interessante a modernização que elas fizeram, pois o vídeo que eu apresentei com a música do lobo mau, na quinta-feira, contava que o lobo havia fugido do zoológico e na história criada por elas (na segunda-feira) o leão (lobo mau) fugiu do zoológico, também.

Abaixo a modernização desta história produzida pela turma.

### *Os três carneirinhos*

*Era uma vez três carneirinhos que moravam com a mãe. Como eles eram grandes, foram morar na cidade. Construíram um prédio para morar.*

*Apareceu um leão fugido do zoológico e com fome queria comer os carneirinhos.*

*O leão pegou um helicóptero para entrar pela chaminé, mas os carneirinhos estavam fazendo churrasco, ele saiu todo queimado e foi parar no zoológico.*

Outro aspecto a ser salientado diz respeito ao fato de que quando trabalhamos em grupo na construção de um texto coletivo, por exemplo, precisamos definir quem irá redigi-lo, quem irá ler para a turma e quem comandará o grupo. Sempre que montamos os grupos deixo que as crianças escolham os participantes por afinidade, mas ao trabalhar com a escrita colaborativa procuro montar os grupos seguindo certa estratégia. No início da aula, quando estamos conversando e definindo a atividade a ser realizada peço que as alunas e os alunos que já sabem ler e escrever sentem-se com aqueles/as que ainda têm um pouco de dificuldade para que todos os grupos fiquem em condições de igualdade. Ao trabalhar com grupos por afinidade os meninos, terminam, quase sempre, o trabalho antes das meninas.

Por estarem ainda na fase do egocentrismo, todos pedem para ler, escrever e ser o “chefe” do grupo. Para definir estas atribuições usamos a brincadeira “discordar” quando se trata de três alunos ou mais e par ou ímpar quando for uma dupla. Às vezes os alunos que “perdem” não aceitam muito bem esta derrota, então conversamos até que eles entendam que foi feita uma escolha de forma democrática e que existirão outras atividades e possibilidades deles terem uma atribuição dentro do grupo.

### 2.2.2 Trabalhando com músicas

Além das histórias infanto-juvenis, utilizava sempre, durante a semana, alguma música que tivesse algo a ver com a história. Por exemplo, ao ler a história "Pelegrino & Petrônio" (Ziraldo, 1983), que fala sobre dois pés, usei a música o "Sapo não lava o pé".

A música "Fico assim sem você", cantada por Adriana Calcanhoto, foi utilizada para homenagear as mães e trabalhamos durante a semana a letra da música digitada fazendo ditado e explorando as unidades linguísticas, tais como: separar as frases e numerá-las; segmentar as palavras na frase; reconhecer palavras significativas no texto.

Outra música que utilizei para desenvolver o sentimento de respeito às diferenças com a turma foi Ninguém é igual a ninguém dos Engenheiros do Havaí e neste trecho considero que esta questão está bem representada:

*Há tantos quadros na parede  
Há tantas formas de se ver o mesmo quadro  
Há tanta gente pelas ruas  
Há tantas ruas e nenhuma é igual à outra  
Ninguém é igual a ninguém  
Me encanta que tanta gente sinta  
(se é que sente) a mesma indiferença  
Há tantos quadros na parede  
Há tantas formas de se ver o mesmo quadro...*

E é desta maneira, através da “música ou da literatura, que favorecemos a expressão das diferenças culturais e a realidade das crianças” (Hickmann, 2002, p. 13).

No primeiro momento da aula distribuí a letra da música digitada e com as linhas numeradas para que as crianças pudessem acompanhar a leitura. Depois da leitura perguntei se conheciam aquela música e a banda. Ninguém nunca tinha ouvido falar... Então disse que tinha uma surpresa para elas e mostrei o filme no notebook. Usei o movie maker para fazer o filme com a música e as fotos das alunas e dos alunos<sup>4</sup>. Esta tecnologia eu aprendi a usar no quinto semestre do curso de Pedagogia à Distância (PEAD) quando trabalhamos com Projetos de Aprendizagem. As crianças adoraram se olhar e pediram para repetir a música e o filme várias vezes.

---

<sup>4</sup> Este filme pode ser acessado em meu portfólio de aprendizagens:  
<http://ssenting29.blogspot.com/2010/06/ninguem-ninguem.html#links>

Em todas as histórias, quando as crianças tinham que produzir um texto com o reconto ou a modernização dos contos eu era a escriba. Elas iam falando e eu ia escrevendo, líamos o que tinha sido escrito e logo após organizávamos o texto.

Nas quintas-feiras apresentava as músicas que tinham algo a ver com a história da semana e, nas sextas-feiras, a turma tinha que montar a letra das músicas. Organizava os grupos e distribuía a letra em cartões, cada grupo tinha que ler os cartões e dizer quando e onde colocar cada parte. As crianças que já conseguiam ler ajudavam seus colegas do grupo. Neste tipo de atividade existia a cooperação.

### **2.2.3 Dialogando em grupo: a expressão das diferenças**

Como alunas, durante o curso PEAD, aprendemos a fazer reflexões sobre as interdisciplinas em nossos blogs e durante o estágio, como professora, usei esta técnica para conseguir lidar com os conflitos que surgiram entre os alunos e as alunas dentro da sala de aula.

No início das aulas, diariamente, sentávamos em círculo e conversávamos sobre o que havia acontecido no dia anterior. Comecei a usar esta estratégia quando não sabia mais como conter as agressões entre as crianças. As meninas tinham o hábito de implicar com os meninos e estes não agüentavam mais e vinham se queixar para mim e eu sem saber o que fazer pedia que elas parassem, mas isto nunca funcionava. Uma aluna era excluída por não cheirar bem. Ela própria se excluía do grupo. Era repetente por dois anos e isso já vinha acontecendo desde os anos anteriores. Outras duas meninas disputavam a amizade de uma terceira e isso acontecia diariamente. Elas chegavam a se agredir fisicamente, então resolvi promover um diálogo entre a turma onde cada um expunha o seu ponto de vista sobre a relação entre eles. Pedi que formassem um círculo com suas cadeiras e que cada criança falasse o que não gostava com relação aos colegas. Foi uma experiência muito gratificante, pois todas as crianças gostaram e respeitaram a vez do/da colega falar. Quando chegou a vez da menina que era excluída falar ela disse que não gostava do que faziam com ela: “eu não gosto quando vocês dizem que sou fedorenta”, então aproveitei para falar que ela era uma menina muito bonita e muito educada – o que realmente é verdade – e toda a turma concordou comigo e a partir daí, todos/as começaram a olhar com outros olhos e a aceitaram no grupo.

Busco as palavras de Valéria Arantes (2007, p. 59) para me apoiar nas questões sobre os conflitos e as reflexões, pois ela nos diz que

(...) o conflito é uma parte natural de nossas vidas. A maioria das teorias interacionistas em filosofia, psicologia e educação está alicerçada no pressuposto de que nos constituímos e somos constituídos a partir da relação direta ou mediada com o outro. Nessa relação, nos deparamos com as diferenças e semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, ressignificar, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. O conflito torna-se, portanto, a matéria-prima para nossa constituição psíquica, afetiva, ideológica e social.

Penso ter dado um passo na direção certa ao dar oportunidade às crianças de falarem sobre os conflitos surgidos dentro da sala de aula.

#### **2.2.4 Jogos e brincadeiras**

“Os jogos infantis constituem admiráveis instituições sociais” (PIAGET, 1994, p. 23). No planejamento semanal, além das músicas e das histórias infantojuvenis, eu utilizava alguns jogos para sistematizar as aulas, que eram: a) o jogo com letras móveis; b) o jogo de força; c) o jogo de leitura (janelinha); e d) jogo no quadro. Estes jogos eram realizados sempre em grupos de quatro alunos/alunas.

O jogo com letras móveis consiste em um componente do grupo formar uma palavra ditada pela professora; todos os colegas do grupo ajudam esse colega; a professora auxilia cada grupo até chegar a escrita ortográfica de cada palavra; ao final da escrita de cada palavra, fazer a leitura global.

No jogo de força faz-se a descoberta da palavra seguindo algumas pistas: número de letras/traços; leitura da palavra formada (competição entre os grupos).

No jogo de leitura (janelinha) (Anexo1) eu mostrava palavras significativas da história, letra por letra, explorando as letras visíveis para descobri-las.

O jogo no quadro acontece quando um representante do grupo, por vez, escreve palavra ditada pela professora; todos os colegas do grupo ajudam a pensar a sua escrita; a professora com a colaboração dos colegas intervém na produção até chegar à escrita alfabética e ortográfica das palavras (perfil da escrita e da leitura de palavras).

As regras dos jogos foram apresentadas na primeira vez que íamos iniciar com cada jogo. Quando distribuí as letras móveis sobre as classes, mesmo depois de dizer que somente

um componente do grupo iria montar a palavra ditada todas as crianças pegaram as letras e começaram a montar a palavra. Nas duas primeiras semanas o egocentrismo das crianças ainda era muito visível, mas aos poucos as crianças foram se adaptando às regras dos jogos e conseguiram atingir o objetivo que era a construção da escrita e a cooperação entre as crianças.

Araújo (1996, p. 107) escreve a forma que Piaget “define a cooperação como sendo: toda relação entre dois ou  $n$  indivíduos iguais ou que se acreditem como tais” e também diz que “nas relações sociais mais elementares, no início a cooperação está indissociada e subordinada à coação, mas com o passar do tempo torna-se o outro pólo das relações sociais, dissociando-se da coação. O que retarda essa dissociação é o forte egocentrismo infantil e as relações autoritárias que são estabelecidas nas famílias em que predomina o respeito unilateral” e nas escolas isto também acontece quando o adulto usa a coação, fazendo com que a criança o respeite (respeito unilateral).

Sobre esta questão, Araújo (1996, p. 118) nos diz que

uma das dificuldades para o estabelecimento de relações de respeito mútuo entre o adulto e a criança é a autoridade que emana do adulto e que faz com que a criança o respeite unilateralmente. Por isso, para que as relações verdadeiramente se desenvolvam é necessário que o adulto minimize sua autoridade e reduza a tendência autoritária de suas ações em relação às crianças.

Para que nossos alunos e alunas aprendam a ser cordiais e ter respeito mútuo, faz-se necessário que nós, professores, respeitemos a individualidade e as diferenças de cada um dentro da sala de aula. Nós precisamos dar o exemplo.

Outra forma que encontrei para fazer com que as crianças continuassem a construção de solidariedade e tolerância com relação aos colegas foi através de brincadeiras no pátio da escola.

É interessante observar que, para Vygotsky, o ensino sistemático não é o único fator responsável por alargar os horizontes da zona de desenvolvimento proximal. Ele considera o brinquedo uma importante fonte de promoção de desenvolvimento. Afirma que, apesar do brinquedo não ser o aspecto predominante na infância, ele exerce uma enorme influência no desenvolvimento infantil.

O termo “brinquedo”, empregado por Vygotsky num sentido amplo, se refere principalmente à atividade, ao ato de brincar [...] (REGO, 2002, P. 80)

Uma brincadeira que eu e as crianças gostamos muito é na verdade uma dinâmica de grupo que aprendi na disciplina de Ludicidade e Educação. Chama-se: *Dinâmica Pássaro voa, Pássaro no ninho, Pássaro Doido* e consiste na formação de pequenos grupos de três,

onde dois colegas ficam de mãos dadas e o terceiro, no meio dos dois colegas. Quem está no meio é o pássaro. Quem está de mãos dadas é o ninho. Há um passarinho sem ninho. Esse “passarinho” pode dizer: pássaro voa, pássaro no ninho ou pássaro doido (a brincadeira é semelhante a do coelho sai da toca).

Quando ele disser: *Pássaro voa* – todos que são pássaros saem voando e trocam de ninho (o ninho não sai do lugar).

Quando ele disser: *Pássaro no ninho* – o ninho não se desfaz, mas sai do seu lugar e vai procurar outro passarinho para formar um grupo (os passarinhos não saem do lugar).

Quando disser: *Pássaro Doido* – passarinho sai correndo, o ninho se desfaz e também sai correndo e novos ninhos e passarinhos se formam.

Sempre a pessoa que sobra será o próximo passarinho.

Ao realizar esta dinâmica as crianças conseguem, além da diversão, manter relações de cordialidade, pois ajudam os colegas sinalizando onde devem ir para achar um ninho, por exemplo.

### **2.2.5 Caminhando para a construção de um espaço cooperativo**

"Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem." (Carlos Drummond de Andrade) No início do curso usei esta frase do Drummond em meu pbworks<sup>5</sup>, pois sempre acreditei que devemos promover a integração, a colaboração e a participação entre os alunos e as alunas. Eu consigo tudo isto formando grupos ou usando as classes dispostas em "U" na sala de aula.

Como eu divido a sala de aula com uma colega no turno inverso, e ela não utiliza a prática do trabalho em grupo, este ano como eu estava fazendo o estágio, pensei que seria diferente e todos seriam compreensivos comigo e deixariam a sala organizada para ser utilizada por grupos. As senhoras que varrem as salas me pediram para arrumar a sala, pois elas não tinham tempo e nem a professora do turno da manhã. Fui até a direção e pedi que me ajudasse neste impasse e ela disse que não poderia fazer nada. As mesas deveriam ficar sempre dispostas em dupla ou individualmente. Se eu quisesse trabalhar de maneira diferente

---

<sup>5</sup> O endereço eletrônico do meu pbworks é <http://solangenopead.pbworks.com/>

teria que arrumar e “desarrumar” a sala de aula. Isto demonstra que o próprio espaço escolar não está preparado para a implementação de práticas pedagógicas inovadoras.

Diariamente arrumava as classes no início e no final do turno, mas com o tempo as crianças começaram a me ajudar tanto no início quanto no final. Quando o objetivo principal da direção de uma instituição escolar é a ordem e a disciplina e que não dá espaço para que as crianças – sujeitos principais e fundamentais dentro desta instituição – possam brincar e correr durante uma ida ao refeitório o que esperar de professores que não querem ir contra esta ordem ou não terem trabalho com possíveis conflitos quando se trabalha em grupo?

Se não podemos ter uma escola com o ambiente escolar cooperativo, procuro construir este espaço ao menos em minha sala de aula. Nas palavras de Ulisses Araújo:

[...]o ambiente escolar cooperativo é assim denominado porque nele a opressão do adulto é reduzida o máximo possível, e nele encontram-se as condições que engendram a cooperação, o respeito mútuo, as atividades grupais que favorecem a reciprocidade, a ausência de sanções expiatórias e de recompensas, e onde as crianças têm oportunidade constante de fazer escolhas, tomar decisões e de expressar-se livremente. (ARAÚJO, 1996, p. 111)

Para ilustrar descrevo a seguir um fato ocorrido quando as crianças devem fazer fila para irem ao refeitório. Quando digo que está na hora do lanche elas levantam, pegam seu lanche e se encaminham para a porta, correm porque são crianças – naturalmente – e fazem fila. Só há uma regra estabelecida para formar fila: os ajudantes do dia (menino e menina) são dispostos em primeiro lugar. Frequentemente alguém reclama que “furaram” a fila. Mais uma vez paramos para refletir sobre o assunto.

A decisão que a turma tomou para que não ocorresse mais isto é que todos fariam a fila do menor ao maior e que os ajudantes do dia continuariam em primeiro lugar. Isto demonstra que o professor, ao promover espaços que possibilitem relações democráticas entre os alunos e alunas, possui um importante papel na promoção de princípios como cooperação e solidariedade enquanto prática cotidiana do espaço escolar.

Ulisses Araújo nos fala a respeito da construção de relações e espaços democráticos no ambiente escolar colocando que

na escola, os distúrbios disciplinares, a violência e o autoritarismo nas relações interpessoais são alguns dos maiores problemas sociais da atualidade e vêm comprometendo a busca por uma educação de qualidade. São fenômenos complexos, cujo enfrentamento requer disposição e preparo para buscar caminhos não-autoritários. Enfrentar esses fenômenos exige dos profissionais da educação uma nova postura, democrática e dialógica, que entenda os alunos e as alunas não mais como sujeitos passivos ou adversários que devem ser vencidos e dominados. O caminho está

no reconhecimento dos estudantes como possíveis parceiros de uma caminhada política e humana que almeja a construção de uma sociedade mais justa, solidária e feliz. (ARAÚJO, 2007, p. 19)

No próximo capítulo (considerações finais) retomo a questão de pesquisa do trabalho e infiro algumas considerações conclusivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho procurei uma base teórica sobre a importância do trabalho em grupo e como este é um facilitador na construção da solidariedade, tolerância e aceitação das diferenças no contexto escolar.

Para me apoiar usei alguns autores que falavam em educação moral, ou melhor, desenvolvimento moral e “aprender moral depende de descobri-la nas relações com os outros; não aprendemos solidariedade ouvindo a respeito dela, nem honestidade, nem correte de ações, nem justiça em nosso julgamento... Só sendo solidário com, honesto com, agindo sobre, julgando alguém, é que aprendemos a fazer tais coisas; isso *só se aprende fazendo*”. (MENIN, 1996, p. 62)

Ao perceber que a turma com a qual trabalho e realizei o estágio supervisionado ainda não conhecia o sentido de trabalhar de forma cooperativa e para poder desenvolver as atividades que estavam sendo planejadas tive que trabalhar com os alunos e as alunas alguns princípios como a participação e a cooperação.

Esta turma, além de não saber trabalhar de forma cooperativa, também não aceitava as diferenças existentes dentro da sala de aula como raça, gênero e classe social, diariamente se agrediam física e verbalmente.

A forma que encontrei para conter tanta violência foi a prática de reflexões, onde diariamente sentávamos em um círculo e conversávamos a respeito dos acontecimentos do dia anterior.

A primeira vez em que eu solicitei às crianças que sentassem em círculo para cada uma dizer o que não gostava que o/a colega lhe dizia ou fazia foi bem interessante e teve o resultado positivo. Normalmente todas falavam ao mesmo tempo e quando alguém estava falando aconteciam conversas paralelas, mas naquele dia todas ficaram atentas ouvindo. Alguns meninos me falaram que estavam gostando daquela conversa, pois não aquentavam mais quando as meninas implicavam com eles dizendo que eram namorados, por se darem bem, quererem sentar sempre juntos e não permitirem a presença das meninas no seu grupo. Quanto à raça e classe social, mesmo sem saber sobre o pertencimento de algumas crianças, estas eram alvo de discriminação, eram chamadas de “negrinho da vila”.

Todos os teóricos que utilizei para desenvolver este trabalho concordam entre si quanto às questões que envolvem o trabalho em grupo. Esta forma de trabalhar favorece os aspectos tanto cognitivos quanto afetivos.

Ao trabalhar em grupo e praticando reflexões diárias as crianças, aos poucos, foram construindo as noções de solidariedade, justiça e responsabilidade.

Planejar atividades para serem realizadas em grupo era fácil, mas usar um longo período com reflexões parecia, aos olhos das professoras da escola, uma perda de tempo. Eu não encarei esta parada diária como perda de tempo, pois ela foi essencial para que as crianças conseguissem perceber o outro e também um momento para melhorar não somente a convivência escolar, mas também o trabalho.

Neste sentido a autora Valéria Arantes (2007, p. 63) nos coloca que

[...] com este tipo de proposta educacional, a escola entende que, da mesma forma que os estudantes aprendem a somar, a conhecer a natureza e a se apropriar da escrita, é fundamental para suas vidas que conheçam a si mesmos e a seus colegas, e as causas e consequências dos conflitos cotidianos. Trabalhando dessa maneira, por meio de situações que solicitem a resolução de conflitos, a educação atinge o duplo objetivo de preparar alunos e alunas para a vida cotidiana, ao mesmo tempo que não fragmenta as dimensões cognitiva e afetiva no trabalho com as disciplinas curriculares.

Ao trabalhar no primeiro momento da aula as questões de conflitos do dia anterior com as crianças dispostas em círculo, aproveitava para dar início às atividades que seriam realizadas durante a tarde, organizando os grupos e orientando-as a decidirem as atribuições de cada integrante.

Para que as crianças aprendessem a trabalhar de forma cooperativa fui aos poucos dando exemplos, mostrando na prática como era trabalhar em grupo, um único grupo. Um exemplo de atividade de leitura onde toda a turma participou ativamente como grupo foi com a música “Fico assim sem você” (Adriana Calcanhoto) digitada dentro de uma tabela, onde todos nós numeramos as linhas e cada um leu uma frase. Para realizar os jogos de força costumava dividir a turma entre meninos e meninas. Tínhamos aqui dois grupos. Na construção dos textos coletivos eu era a escriba e as crianças colaboravam oralmente, novamente aqui um único grupo.

Para verificar se a turma já estava pronta para trabalhar em pequenos grupos fiz uma experiência, mostrei a imagem de uma barraca numa floresta, forneci uma folha pautada para cada grupo e esperei que fossem delegadas as atribuições de cada integrante. Orientei-os a escrever os componentes do grupo, onde cada um colocaria seu nome. E disse que poderiam

iniciar o trabalho. Todos os grupos construíram histórias sobre a imagem, com título e sequência lógica.

Esta prática pedagógica foi construída aos poucos durante o estágio supervisionado e continuará até o final do ano letivo, com esta turma. No futuro, sempre que se fizer necessário, usarei esta prática que muito me auxiliou com relação às questões de solidariedade, tolerância e aceitação das diferenças dentro de minha sala de aula, assim como também ao desenvolvimento do trabalho em grupo de forma cooperativa.

Com relação ao espaço escolar como um todo não sei de que maneira poderei influenciar minhas colegas professoras a usar o trabalho em grupo como forma de desenvolver a autonomia e a cidadania, pois são pessoas cujas práticas pedagógicas, ainda calcadas no sistema de ensino tradicional, utilizam-se da coação no processo de ensino-aprendizagem: transmitir conhecimento, enriquecendo a memória das crianças e a disciplina onde as crianças são seres passivos e “obedientes”.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorin. **Convivência democrática e educação: A construção de relações e espaços democráticos no âmbito escolar**. In: ÉTICA e Cidadania: Construindo Valores na Escola e na Sociedade/Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. P. 59-66.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil**. In: Cinco Estudos de Educação Moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. P. 105-135.

\_\_\_\_\_. **A educação e a construção da cidadania: eixos temáticos da ética e da democracia**. In: ÉTICA e Cidadania: Construindo Valores na Escola e na Sociedade/Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. P. 11-21.

CARVALHO, Marie Jane S; NEVADO, Rosane Aragon de; MENEZES, Crediné Silva de. **Arquiteturas Pedagógicas para Educação a Distância: Concepções e Suporte Telemático**.

Disponível em: <[http://vipzprofes.pbworks.com/f/arquiteturas\\_pedagogicas\\_sbie2005.pdf](http://vipzprofes.pbworks.com/f/arquiteturas_pedagogicas_sbie2005.pdf)>  
Acesso em: 14 set. 2010.

CYRRE, Magda Regina Lourenço. Um novo olhar para a sala de aula: privilegiando o trabalho em grupo. **Ciências & Letras**. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Porto Alegre, n. 30, p. 101-111, jul/dez. 2001.

HICKMANN, Roseli Inês (Org). **Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002 (Cadernos Educação Básica; n. 8).

LODI, Lucia Helena; ARAÚJO, Ulisses F. **Ética, cidadania e educação: Escola, democracia e cidadania**. In: ÉTICA e Cidadania: Construindo Valores na Escola e na Sociedade/Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. P. 69-76.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. **Desenvolvimento moral. Refletindo com pais e professores**. In: Cinco Estudos de Educação Moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. P. 37-104.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Tradução de Elzon Lenardon. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **A difusão das idéias de Piaget no Brasil.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Jogo de leitura (janelinha)



Esta foto ilustra um jogo que utilizei para as crianças desenvolverem a leitura de palavras significativas da história “Chapeuzinho Vermelho”. A palavra é vovó.